Ao notavel escriptor
dr. Wilhelm Storck,
lembrança do
Eugenio de Castro

Coimbra, 95

TIRESIAS

DO AVCTOR

No prélo

Em preparação

EVGENIO DE CASTRO

TIRESIAS

(ECLOGA)

COIMBRA
LIVRARIA DE F. FRANÇA AMADO
Rua Ferreira Borges
1895

D'esta edição fez-se uma tiragem especial de dezoito exemplares numerados: *dois* em papel das manufacturas imperiaes do Japão, *seis* em papel de Hollanda Van Gelder, *dez* em papel de linho, do Prado.

Printed in Spain

AO

DOUTOR THEOPHILO BRAGA

Sylvio, cabreiro moço e namorado,
Um pifano talhava, distrahido,
Quando viu um pastor a si chegado.

Era um velhinho magro e combalido,
Seus cabellos, a edade os prateára,
Dos seus olhos a luz tinha fugido.

Os abysmos receiando, com uma vara
Tacteava o sólo, e tão direito ia
Que dir-se-ia que o pau olhos creára...

SYLVIO

Onde haverá metal ou penha fria
Que não se compadeça e prantos sue
Por quem, triste, não vê a luz do dia?

TIRESIAS

Por tua voz que tão macia flue,
Sinto que és novo entre os adolescentes
E, como tal, ingenuo como eu fui.

Enganado pastor, não me lamentes;
Só se deve chorar quando se veja
Desgraça que mereça prantos quentes.

Que o teu espirito allumiado seja
Como o meu! Por me veres velho e cego
Não me volvas piedade mas inveja.

Ouve-me tu, cabreiro, com socego,
Minhas palavras na tua alma grava
Que ao teu tempo darás um bom emprego.

Quando Apollo na terra pastoreava,
Vista tive nos olhos, mas sem gosto,
Que os olhos livres fazem a alma escrava.

Pelos Deuses, meu berço foi disposto
N'um verde bosque onde me deu á luz
Chariclo, nympha de invejado rosto.

Ahi medrei, do sol aos raios crus,
E ahi, folgando com leaes pastores,
Serenas olympiadas transpuz.

Vivia em sonhos mil, embaladores,
Dormia ao luar, coroava-me de rosas,
Davam-me as vespas mel e o campo flores.

Meus olhos viam coisas deliciosas,
Vergeis doirados, encantadas ilhas,
O sol, o gelo e as lymphas murmurosas...

Mas da terra as variadas maravilhas
Cançam como as caricias femininas,
Como as mui apertadas gargantilhas!

Cançadas, dos meus olhos as meninas,
Cançadas das terrenas formosuras,
Já buscavam, anciosas, as divinas.

Transformaram-se montes e planuras,
Via no mar de prata um crystal baço
E nos dias de sol noites escuras;

Parecia-me nevoento o claro espaço,
Sem cheiro o nardo e o alecrim do norte
E sem belleza o mais fermoso paço...

Desilludido e triste, de tal sorte
Se me foi a minh'alma annuveando,
Que até, por vezes, desejei a morte,

Pref'rindo assim, ao negro mundo infando,
Do Tartaro as negrissimas cavernas,
Que o tricephalo cão está guardando.

Meus olhos suspiravam p'las eternas,
Olympicas bellezas duradouras...
Por um par d'azas como eu déra as pernas!

Preso á terra p'los pés, minutos, horas
Me eram tristes: vivia afflictamente
Qual Salmoneo nas chammas queimadoras...

Certa manhã de estio, resplendente,
Iam meus cães atraz de incauta cerva
E eu soprava n'um pifano dolente,

Quando, entre as ramagens, vi Minerva
Despindo-se, com seu frescor perenne,
O elmo, o escudo e a lança sobre a herva.

Solto o pallio de purpura solemne,
Os cabellos, a tunica e os collares,
Eil-a que entra nas aguas do Hippocrene.

Deslumbrados e accesos, meus olhares,
Por entre as folhas, iam-se a beijal-a,
Quaes finas frechas golpeando os ares:..

Nada do que ha da terra á flor eguala
A belleza que estava contemplando,
Timido como timida zagala.

De ver encantos taes, iam medrando
Na minha alma rufladoras azas,
Na vista me corria um licor brando.

Meus olhos a queimaram — vivas brazas!
Viu-me a Deusa! e escondendo os alvos seios
E o claro ventre, com macias gazas,

A arder de furia e com hostis meneios
Tirou-me a luz dos olhos atrevidos,
Que d'uma luz melhor ficaram cheios!

Deixei de ver os laranjaes floridos,
Os campos onde pastoreava Apollo,
Os templos e os ribeiros foragidos,

Mas de Minerva, em paga, via o collo,
O peito e a bocca (bocca de creança!)
E a coma negra, onde brincava Eolo...

Foi-me a cegueira tão suave e mansa
Que a recebi — assim me accuda Zeus! —
Por um extremo d'amor, não por vingança.

Amado por Minerva, os olhos meus
Ella os encheu da sua fermosura,
Ciosamente, para os ter bem seus...

Ah! quão macia a sua alma dura,
Que me deu no castigo recompensa
E oceanos de sol na noite escura!

Cego, não topo lynce que me vença,
D'olhos mais penetrantes e incisivos!
Achei calma saude na doença...

Deu-me, quem dôr me dava, lenitivos,
E vejo mais com estes olhos mortos
Que todos os mortaes com olhos vivos...

Não vejo os rios, os jardins, os portos,
Mas vejo a Deusa que divisei núa
E por castigo me volveu confortos.

Envelheci a amar a imagem sua,
Acariciante como a fina marta,
Jámais envelhecida como a Lua!

De me vestir de luz nunca se farta,
Ella que m'a tirou e a Lua vence,
Pois do meu claro ceo nunca se aparta.

A ventura sem tregoas me pertence,
São-me os dias perpetuas alvoradas,
Que ninguem vãos suspiros me dispense.

Invejae-me, ó mortaes, cujas amadas,
Passado o maio que lhes tinge o rosto,
Se tornam velhas, feias, enrugadas...

Invejae-me, cubri-vos de desgosto!
Sou como Anacreonte, velho e amante,
Nunca assisto ás tristezas do sol posto,

Vejo a manhã romper a todo o instante!

Imprensa da Universidade
Coimbra, vinte de março de mil oitocentos
e noventa e cinco.